

Eles também votam em nomes e não em partidos

O brasileiro não vota em partido, vota em nomes. Este jargão, utilizado pelos políticos para definir o perfil do eleitorado, torna-se verdadeiro também para os políticos na sucessão presidencial. O Senado é um espelho de que a fidelidade partidária é hoje um instituto ultrapassado. Parcela dos senadores, insatisfeitos com a escolha dos candidatos de seus partidos e, escapando de eventuais fracassos eleitorais, já assume a decisão de votar em candidatos de outras siglas. E o fenômeno Collor de Mello atrai a maior parte dos descontentes.

"Vou votar em Collor porque ele é um candidato de centro que está trazendo uma mensagem nova", afirma sem constrangimento o senador Afonso Sancho (PDS-CE), afastando a hipótese de apoiar o candidato de seu partido, Paulo Maluf. Collor também atrai o senador João Calmon (PMDB-ES), que tem "uma simpatia hereditária pelo governador de Alagoas". Calmon era amigo do avô do candidato do PRN, o ministro do Trabalho de Getúlio Vargas, Lindolfo Collor.

Fidelidade de bancada com o candidato só existe no PDT e no PSDB. Brizola consegue, além do apoio dos dois senadores pedetistas, Mauro Maia (AC) e Maurício Corrêa (DF), espaço junto à parcela do PDC, coordenada pelo senador Mauro Borges (PDC-GO)

que tem se esforçado no sentido de atrair a sigla para uma coligação com os brizolistas. O candidato do PSDB, senador Mário Covas, além do apoio da totalidade de sua bancada, poderá contar com o voto do senador Jarbas Passarinho (PDS-PA).

Os descontentes do PFL também estão procurando outros caminhos. Pelo menos três senadores pefelistas, Carlos Chiarelli (RS), José Agripino (RN) e Jorge Bornhausen (SC), já deixaram claro que não apoiarão o candidato Aureliano Chaves, vencedor das prévias do partido. À excessão de Bornhausen, que acumula problemas pessoais com Collor desde 1986, os demais deverão anunciar a adesão ao ex-governador alagoano.

No PMDB, a composição Ulysses-Waldir garantiu a unidade do setor progressista do partido, mas os moderados deixam transparecer que podem continuar no PMDB apoiando outra chapa. Só que ninguém assume publicamente esta posição. O líder do governo, Rachid Saldanha Derzi (PMDB-MS) prefere aguardar o desenrolar da campanha, mas é incapaz de atacar claramente a candidatura Ulysses. Mas o alerta mais perigoso para a candidatura peemedebista vem de um senador progressista. Ele teme que até políticos de seu grupo venham a mudar de lado, caso Ulysses não deslance